

## O afeto na relação Professor e Estudante e sua influência no Processo de Ensino e Aprendizagem

The affect on the Teacher and Student relationship and its influence on the Teaching and Learning Process

El afecto en la relación Profesor y Estudiante y su influencia en el Proceso de Enseñanza y Aprendizaje

Recebido: 01/07/2021 | Revisado: 07/07/2021 | Aceito: 11/07/2021 | Publicado: 22/07/2021

**Maria Júlia Machado Lopes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1529-8351>

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

E-mail: [lopes.julia20016@gmail.com](mailto:lopes.julia20016@gmail.com)

**Alana das Neves Pedruzzi**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3991-9933>

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

E-mail: [alanadnp@gmail.com](mailto:alanadnp@gmail.com)

### Resumo

A afetividade está presente em todas as esferas humanas desde as relações sociais, passando pelo processo de desenvolvimento humano e também pelos processos cognitivos, como os desenvolvidos no ambiente escolar. Este trabalho tem por objetivo compreender a importância da afetividade na relação professor e estudante e sua influência nos processos de ensino e aprendizagem, entendendo que, da mesma forma como nos diversos âmbitos sociais, o modo como o educador gerencia sua relação com o aluno influenciará nas interações sociais da classe, no desempenho acadêmico dos estudantes, bem como no próprio desenvolvimento ulterior do estudante. A partir do objetivo acima descrito, desenvolvemos esta pesquisa também a fim de responder à questão motivadora deste estudo, sendo ela: como a afetividade pode influenciar a relação estudante e professor nos processos de ensino e aprendizagem? Por fim, o estudo de natureza bibliográfica ora empreendido se organizará a partir de três eixos, sendo eles: conhecer as diferentes perspectivas sobre a categoria afetividade; dialogar sobre a natureza dos processos de ensino e aprendizagem; e, por fim, compreender a afetividade como pressuposto pedagógico para a relação entre professor-estudante. Assim, como resultados da presente pesquisa, destacamos a importância dos afetos positivos dentro do ambiente da sala de aula e, mais precisamente, na relação entre educador e educando, pois a afetividade e cognição não se dissociam. Logo, os afetos permeados nesta relação interpessoal podem gerar impactos determinantes no processo de ensino e de aprendizagem, bem como facilitar ou dificultá-los.

**Palavras-chave:** Afetividade; Relação professor e estudante; Ensino e aprendizagem.

### Abstract

Affection is present in all human spheres, from social relationships, through the human development process and also through cognitive processes, such as those developed in the school environment. This work aims to understand the importance of affectivity in the teacher-student relationship and its influence on the teaching and learning processes, understanding that, just as in different social spheres, the way the educator manages his relationship with the student will influence the social interactions of the class, in the academic performance of the students, as well as in the student's own further development. From the objective described above, we developed this research also in order to answer the motivating question of this study, which is: how affectivity can influence the student-teacher relationship in the teaching and learning processes? Finally, the bibliographical study now undertaken will be organized around three axes, namely: knowing the different perspectives on the affectivity category; dialogue about the nature of teaching and learning processes; and, finally, understanding affectivity as a pedagogical presupposition for the relationship between teacher-student. Thus, as a result of this research, we highlight the importance of positive affects within the classroom environment and, more precisely, in the relationship between educator and student, as affectivity and cognition are not dissociated. Therefore, the affections permeated in this interpersonal relationship can generate decisive impacts on the teaching and learning process, as well as facilitating or hindering them.

**Keywords:** Affection; Teacher and student relationship; Teaching and learning.

## Resumen

El afecto está presente en todos los ámbitos humanos, desde las relaciones sociales, pasando por el proceso de desarrollo humano y también a través de procesos cognitivos, como los que se desarrollan en el ámbito escolar. Este trabajo tiene como objetivo comprender la importancia de la afectividad en la relación profesor-alumno y su influencia en los procesos de enseñanza y aprendizaje, entendiendo que, al igual que en los diferentes ámbitos sociales, la forma en que el educador gestiona su relación con el alumno influirá en las interacciones sociales de la clase, en el rendimiento académico de los estudiantes, así como en el desarrollo posterior del propio estudiante. A partir del objetivo descrito anteriormente, desarrollamos esta investigación también con el fin de dar respuesta a la pregunta motivadora de este estudio, que es: ¿cómo la afectividad puede influir en la relación alumno-profesor en los procesos de enseñanza y aprendizaje? Finalmente, el estudio bibliográfico que ahora se realiza se articulará en torno a tres ejes, a saber: conocer las distintas perspectivas sobre la categoría afectividad; diálogo sobre la naturaleza de los procesos de enseñanza y aprendizaje; y, finalmente, entender la afectividad como un presupuesto pedagógico de la relación profesor-alumno. Así, como resultado de esta investigación, destacamos la importancia de los afectos positivos en el ámbito del aula y, más precisamente, en la relación entre educador y alumno, ya que la afectividad y la cognición no se disocian. Por tanto, los afectos permeados en esta relación interpersonal pueden generar impactos decisivos en el proceso de enseñanza y aprendizaje, además de facilitarlos o dificultarlos.

**Palabras clave:** Afecto; Relación profesor-alumno; Enseñando y aprendiendo.

## 1. Introdução

O contexto escolar como formador social e propiciador do desenvolvimento de pessoas desde sua tenra infância é um lugar onde se deve propiciar, além do domínio de conteúdos, a necessidade de repensar as relações interpessoais que se inserem neste espaço. Logo, se há relacionamentos em todas as hierarquias que compõem a escola, é preciso também se pensar na relação professor-estudante e como ela tem influência mesmo inconscientemente em todo rendimento escolar de uma classe.

Visto que a afetividade tem influência na constituição do ser humano, a pesquisa trata de compreender a importância daquela e sua influência no processo de ensino e aprendizagem, entendendo que o nível de envolvimento afetivo nesta relação pode influenciar positivamente ou negativamente todo o processo de prática docente e, assim, a construção de conhecimentos. Assim sendo, apresenta-se o seguinte questionamento para tensionar esta pesquisa: como a afetividade pode influenciar a relação estudante-professor nos processos de ensino e aprendizagem?

Compreendendo este impacto que a afetividade tem dentro da relação entre educador e educando, a pesquisa delineou-se a partir do objetivo geral que visa compreender a importância da afetividade na relação professor-estudante e sua influência no processo de ensino e aprendizagem. Para atingir tal objetivo geral, organizamos os seguintes objetivos específicos: analisar as concepções e entendimentos sobre a afetividade; dialogar sobre a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizado; e compreender a importância da afetividade na relação professor-estudante

Metodologicamente, tal pesquisa se organiza como um estudo bibliográfico de natureza qualitativa, buscando a resposta do questionamento motivador e a efetivação dos objetivos propostos a partir do estudo de referenciais teóricos alinhados aos debates sobre afetividade, relações de ensino e aprendizagem, e relações entre professores e estudantes.

Para estabelecer os diálogos desenvolvidos na presente pesquisa, buscamos respaldo nas contribuições de Wallon (1968) a partir do qual se fez diálogo também com Galvão (1995), Vygotsky (1991; 2000), Freire (1996), Scoz (1994), Piletti e Piletti (1997), Pereira e Gonçalves (2010), Ramos-Cerqueira (1997), Kubo e Botomé (2001), Leite e Tagliaferro (2005), Ribeiro (2010), Machado, Facci e Barroco (2011), Sabino (2012), Anastasiou (2015), Medeiros (2017), Rodrigues (2019), Paula, Guimarães, Nascimento e Viali (2020), Silva e Leal (2019), e Silva, Bianco, Silveira, Gomes e Veiga (2021). Sendo estes alguns dos teóricos que desenvolvem estudos sobre a psicologia do desenvolvimento educacional, a educação, as relações de ensino e aprendizagem, e a afetividade no campo educacional.

Portanto, nos capítulos desta pesquisa vamos, primeiramente, conhecer as diferentes perspectivas sobre a categoria afetividade. Em seguida, no segundo capítulo, vamos dialogar sobre a natureza dos processos de ensino e aprendizagem e, por

fim, no terceiro e último capítulo, compreender a afetividade como pressuposto pedagógico para a relação entre professor-estudante.

## 2. Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se metodologicamente por um estudo bibliográfico de natureza qualitativa e caráter teórico. Nela, o questionamento central e os objetivos serão desenvolvidos a partir do estudo de referências pertinentes às categorias-chave da pesquisa, sendo elas: Afetividade, Relação Professor e Aluno, Ensino e Aprendizagem. A fim de dar maior organização ao aprofundamento teórico necessário, desenvolvemos a leitura dos materiais a partir da ideia de Leitura Imanente, conceito proposto por Lessa (2014), o qual visa melhor ordenar os processos de leitura e escrita em pesquisas de cunho bibliográfico ou de caráter ensaístico. Para Lessa (2014) existem quatro passos a seguir para realizar uma leitura eficaz a fim de se retirar do texto o conteúdo que ele contém. Como primeiro passo é preciso organizar e fazer o preparo da leitura através de um estudo sistemático, o segundo passo é descobrir e anotar o conteúdo de cada parágrafo, bem como as relações entre eles. O terceiro passo é preparar a próxima sessão de estudos, deixando pistas para orientar a retomada do trabalho através de anotações, e o quarto e último passo a ser seguido é fazer a divisão em dois momentos, que será primeiramente redigir um pequeno e resumido texto, postulando a tese (ideia, categoria, etc.), e, em seguida, reunir os textos parciais, seguindo a ordenação de forma resumida e direta.

Considerando a natureza qualitativa do estudo, vemos em Minayo (1994, p. 22) que “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”, ou seja, o seu caráter tem como estudo as ciências sociais, tendo sua visão direcionada às relações humanas, de processos e de fenômenos. De acordo com Gil (2008, p. 50), a análise bibliográfica ora proposta “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, sendo composta pelos autores principais e, como autores secundários, os comentadores dos estudiosos da área.

Desta forma, a pesquisa será baseada em ideias e pressupostos dos autores prioritários, por exemplo, Henri Wallon, Lev Vygotsky e Paulo Freire, entre outros que, em seus trabalhos, trazem conceitos e entendimentos diferentes, mas que, acerca desta temática, fazem pertinentes contribuições. Contudo, a fim de ampliarmos o diálogo para outros autores que estudam esta temática, foi feita uma busca em plataformas de pesquisa científicas como Scielo e Google Acadêmico a partir dos seguintes descritores: afetividade no contexto educacional, afetividade na relação professor e estudante, e afetividade no processo de ensino e aprendizagem. Encontrando por fim uma gama de artigos científicos ricos em conteúdos que, significativamente, acrescentaram no embasamento e na fundamentação científica da presente pesquisa.

## 3. Resultados e Discussão

### 3.1 Diferentes Perspectivas da Categoria Afetividade

Neste momento, iremos iniciar nossa argumentação teórica a partir da categoria afetividade, apresentando-a e discutindo sobre sua concepção teórica. O afeto é uma capacidade do ser humano de sentir-se afetado por elementos internos e externos. Os elementos internos conhecemos como sensações de alegria, amor, tristeza, fome, medo. Já o afeto externo pode ser caracterizado como objeto, frio, barulho, ou circunstâncias que nem sempre poderão ser controladas. A psicóloga e mestre em educação Simone Sabino (2012, p.43) afirma que “[...] para toda e qualquer experiência humana, os afetos estão onipresentes mesmo que nem sempre estejam explícitos e adequadamente manifestos nas relações”.

Logo, o afeto pode ser entendido como tudo aquilo que faz o ser humano mover-se, pois ao ser afetado por “n” elementos internos e externos, faz com que haja uma reação direta ou indireta ao que se sente e/ou se vivencia, ou seja, todo ser humano

pode ser afetado pelo outro ou por seu ambiente. Os adultos de hoje são resultado de uma criança formada a partir das interações que se dispuseram durante sua infância.

Nas relações humanas, podemos ver nitidamente como o afeto está presente, pois é o vínculo afetivo que nos une, mesmo inconscientemente por parte de algum dos sujeitos envolvidos. De acordo com Sabino (2012, p.43), “[...] o afeto é uma dimensão do viver humano. O homem ao evoluir como ser humano nas sociedades, vai construindo sua afetividade a partir das vinculações interpessoais, através de encontros e desencontros entre pessoas”. As relações interpessoais nas quais o sujeito pode estar inserido seja ela familiar, social, ou educacional, serão afetadas pelas ações do outro para com ele através do meio do qual faz parte, como o recebimento de carinho que gera a sensação de ser amado, o sentimento de confiança que gera a sensação de pertencimento no grupo em que se está inserido, ou também o sentimento de desprezo que poderá gerar no outro a sensação de rejeição.

Partindo destes conceitos e entendimentos do que é afeto, é possível agora ver o ser humano como um ser afetivo, pois suas interações com os meios desde sua infância, em que foi e está inserido, serão suas interações sociais afetivas, contribuindo na sua forma de relacionar-se em sociedade e sentir-se pertencente a ela. Segundo Sabino (2012, p.43), “não é possível pensar em afeto sem pensar em vínculos e relações entre seres humanos de todas as idades, sexos, classes sociais [...] em todas as espécies da história”.

A criança em sua infância, no seu processo de crescimento e amadurecimento, é formada através das interações com o meio social em que está inserida. Logo, com sua família e outros que estão ao seu redor. Nesta fase ela irá refletir em suas ações e atitudes tudo aquilo que recebe como criança enquanto afeto, como amor, carinho, segurança, e até a falta dos mesmos, gerando lacunas em sua integralidade. Segundo Sabino (2012, p.97), “[...] A afetividade é uma dimensão que se firma a partir da relação de interação recíproca entre o bebê e o seu meio, comumente construído por adultos”. O afeto é um dos fatores principais determinantes da criação da personalidade da criança, onde segundo Silva e Leal (2019, p.06) “[...] quanto mais afeto um indivíduo recebe, mais força terá para enfrentar os obstáculos e isto implica no fortalecimento de sua personalidade”. Assim, é possível ver que, quando a criança tem suas lacunas afetivas contempladas com amor, carinho, respeito, cuidado e segurança por parte de seus responsáveis, ela desenvolve um comportamento e uma personalidade diferentes de uma outra que não recebe, ou que recebe o oposto. Pois a criança que se sente afetivamente amada por seus pais, por aqueles que a cuidam, terá subsídios para sentir-se segura e confiante. Logo que suas bases de afirmação, de que é amada, forem firmadas, uma criança que afetivamente foi encorajada por seus pais terá mais facilidade em romper obstáculos ao longo de sua vida.

Não há dúvidas que a sociedade violenta que temos é formada por uma complexa teia de fatores, não tendo somente como raiz a desigualdade. Segundo Adad, Santos e Silva "Essa cultura de violências, estabelecida no cotidiano escolar, marca a convivência e as relações pessoais juvenis, favorecendo o processo de banalização das diferentes formas de violências, tornando-as algo natural dentro da escola e mesmo da vida em sociedade das juventudes, desenvolvendo sobretudo nos jovens os sentimentos de tristeza, confusão e dor" (Adad, Santos & Silva, 2021, p.5). Mas quando pensamos que a sociedade é feita por seres humanos, e estes são seres integrais que, além de necessidades físicas, têm necessidades psicológicas e, mais especificamente, afetivas e emocionais, é possível que um dos maiores influenciadores da violência seja a deficiência de afetividade emocional na construção destes indivíduos quando crianças até suas vidas adultas.

Neste sentido, Sabino (2012) faz com que suas afirmações sobre afeto se casem com o nosso pensamento quando diz que a afetividade é um dos fatores determinante na formação do caráter e da personalidade da criança até sua fase adulta e que sua presença tem o poder e a força de determinar como se dará seu desenvolvimento.

Reconhecendo, assim, que o afeto é um dos atributos indispensáveis para as relações interpessoais de todo sujeito, podemos considerar que aquele já não pode ser visto como elemento secundário nas relações interpessoais, como um elemento que pode ser negligenciado para o desenvolvimento humano e para a produção de boas condutas, caráter e personalidade. Pois,

segundo Sabino (2012, p. 21), “os afetos permeiam e pulsam na vida de todas as pessoas, e é bastante surpreendente que, assim sendo, sejam tão pouco salientados e cuidados nos diversos âmbitos sociais”.

Se o sujeito está em contínua transformação, ele constrói os seus referenciais de caráter ou conduta a partir de relacionamentos, vivências e ambientes em que está inscrito. Daí a importância de revermos a afetividade nos diversos âmbitos pelos quais o ser humano perpassa em sua trajetória, por exemplo, em instituições de ensino, empresas, no seu ambiente familiar, dentre outros. Segundo Assis e Podewils “a escola precisa ser o lugar para que as crianças descubram e compreendam o mundo em que vivem, algo que só pode ocorrer em um ambiente em que a criança se sinta participativa. A escola deve ser para o (a) aprendiz um lugar de fala política, para que aprenda cedo a expor suas ideias e a questioná-las” (Assis & Podewils, 2018, p.12).

Também de acordo com Marques e Fraguas “É necessário que a escola não seja mais vista como um simples espaço de transmissão de conceitos, mas sim como um lugar de apropriação do conhecimento científico para que o processo de ensino-aprendizagem tenha sentido” (Marques & Fraguas, 2021, p.12).

Diante do conhecimento da afetividade e sua importância na vida do ser humano, estudiosos e referências na área da educação e psicologia, como Henri Wallon e Lev Semionovitch Vygotsky, dedicaram-se a estudar e explorar as linhas gerais do desenvolvimento infantil. Assim, investigaram o afeto neste processo, compreendendo que através dele é possível ver como a afetividade tem importância fundamental para a construção do ser humano em suas dimensões psíquica, intelectual e cognitiva.

Ambos estudiosos destacam em suas teorias o papel das relações sociais como fatores influenciadores para o desenvolvimento da criança integral, pois veem a criança como um ser completo em constante transformação, a qual se transforma durante sua interação com o mundo.

As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque originem completamente suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que elas vão despertando os automatismos que o desenvolvimento espontâneo da estrutura nervosa mantém em potência é por seu intermédio, as reações íntimas são fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico (Wallon, 1968, p.149).

Henri Wallon refere-se à afetividade como as transformações fisiológicas e emocionais em uma criança (Paula, *et al* 2020), afirmando que ela faz parte da vida do ser humano, logo, pode ser vivida e experimentada pelo bebê ainda em berço, através dos afetos de cuidadores principais ou de pessoas que o rodeiam, o que, mesmo inconscientemente, afetá-lo-á em seu processo de socialização.

Segundo Galvão (1995, p.42), Wallon sustenta que “pela ação do outro, o movimento deixa de ser somente espasmo ou descargas impulsivas e passa a ser expressão, afetividade exteriorizada”. Logo, as manifestações afetivas da criança ainda quando bebê são as sinalizações que ela dá quando está com fome, dor, desconforto e assim chora até que sua necessidade seja atendida ou, por exemplo, quando se apercebe da sensação de alegria e felicidade ao devolver o sorriso ao seu adulto cuidador.

Na teoria walloniana, o sujeito não se distingue em ser um ser somente biológico ou social, pois ambos não podem se separar ou serem estudados separadamente, tendo em vista que reações biológicas e orgânicas são também relacionadas a ações sociais e vice-versa. Ambas concomitantemente se casam formando as reações e o desenvolvimento do sujeito a quem se direcionam.

Desta forma, na teoria psicogenética de Wallon (Galvão, 1995), o desenvolvimento da pessoa ocorre como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva, ou seja, a afetividade, além de se dar por garantir no indivíduo uma construção de caráter e personalidade, auxilia no desenvolvimento da inteligência do sujeito, como podemos afirmar também sobre as palavras de Freire (1996, p.72) quando diz que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”.

Assim, segundo Galvão (1995, p.43), Wallon sustenta cinco fases da dimensão do desenvolvimento desde o primeiro ano de vida até a puberdade (adolescência), através de suas pesquisas e investigações. Demonstra como a afetividade e a cognição andam juntas concomitantemente, constituindo-se ambas como fundamentais para o desenvolvimento psicomotor da criança. As fases sobre as quais o autor dialoga são as seguintes:

- Estágio impulsivo-emocional: ocorre no primeiro ano, e a afetividade predomina nesta fase, logo que o bebê exterioriza seus sentimentos através de manifestações de afeto para comunicação com as pessoas que entremeiam seu ambiente.
- Estágio sensório-motor e projetivo: até os 3 anos, a criança através da fala e da marcha explora o ambiente em que está inscrita e os objetos que a rodeiam. O termo "projetivo" usado se refere ao processo em que se encontra a criança em desenvolvimento do funcionamento mental, em que ela, através de suas expressões e gestos, expressa seus pensamentos, então o ato mental se projeta em atos motores.
- Estágio do personalismo: cobrindo a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central do estágio é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si dá-se por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retomo da predominância das relações afetivas.
- Estágio categorial: no decorrer dos seis anos de idade, ocorre o aprimoramento intelectual da criança, dirigindo-a ao interesse pelas coisas e ao desejo por conhecer o mundo exterior.
- Estágio da Adolescência: dá-se a partir dos 11 anos, neste estágio acontece o rompimento da personalidade adquirida nos estágios anteriores, existindo uma necessidade de reafirmação de personalidade devido a mudanças hormonais e corporais. Sendo assim muito importante o predomínio da afetividade nesta fase.

Galvão (1995) caracteriza especificamente a afetividade dentro de três estágios do desenvolvimento. Para ele, no estágio impulsivo emocional, a afetividade se nutre pelo olhar, pelo contato físico, podendo ser manifestada através de gestos, mímica e posturas da criança. No estágio do personalismo, a afetividade se incorpora manifestando-se através dos recursos intelectuais, como a linguagem, adquiridos no estágio anterior sensório-motor e projetivo. Neste momento, torna-se indispensável às relações interpessoais para a integração do indivíduo através das trocas afetivas que podem ser dadas, assim integram-se os processos intelectuais adquiridos no estágio categorial. Neste processo, a afetividade começa a ser cada vez mais racionalizada, pois os sentimentos já serão elaborados no plano mental da criança, sucessivamente fazendo com que os jovens possam exteriorizar suas relações afetivas. Assim, o autor sustenta a ideia de um ser integral, pois as fases de desenvolvimento que se sucedem não se dão isoladamente uma da outra, posto que cada fase determina a influência e a complementação para a sucessiva.

O predomínio do caráter intelectual corresponde às etapas em que a ênfase está na elaboração do real e no conhecimento do mundo físico. A dominância do caráter afetivo e, conseqüentemente, das relações com o mundo humano, correspondem às etapas que se prestam à construção do eu (Galvão, 1995, p.45).

Logo, o autor nos deixa claro que, em todo este processo do ser integral, em todos os estágios, o sujeito se determinou diretamente pelo outro (externo\social), pois o que o afeta em seu contexto, constrói-o, transforma-o e/ou modifica-o.

Torna-se evidente, portanto, que em ambas teorias o papel das relações interpessoais é uma das condições determinantes na construção e no desenvolvimento do indivíduo para formação integral desde sua área psíquica, cognitiva, intelectual a social, perdurando desde sua mais tenra idade até a fase adulta.

### 3.2 A Afetividade na Relação de Ensino e Aprendizagem

O processo de ensino e aprendizagem não se dá somente por um sistema tecnicista-mecânico, mas também por um “complexo sistema de interações comportamentais entre seres humanos, que são eles professor e estudante” (Kubo; Botomé, 2001, p.01). Em outras palavras, a forma pela qual se apresenta e se faz o processo de ensinagem dos conteúdos programáticos do currículo escolar pode determinar os resultados finais de aprendizagem, através das relações humanas desenvolvidas entre professor-estudante, manifestadas durante o processo de ensino e aprendizagem.

Um dos elementos básicos de discussão da ação docente refere-se ao ensinar, ao aprender e ao apreender. Essas ações são muitas vezes consideradas e executadas como ações disjuntas, ouvindo-se inclusive de professores, afirmações do tipo: ‘eu ensinei, o aluno é que não aprendeu’. Isso decorre da ideia de que ensinar é apresentar ou explicar o conteúdo numa exposição, o que a grande maioria dos docentes procura fazer com a máxima habilidade de que dispõe; daí a busca por técnicas de exposição ou oratória, como sendo o elemento essencial para a competência docente (Anastasiou, 2015, p.01).

Desta forma, o modo como as interações humanas se dão durante este processo de ensinar e aprender, através das relações humanas entre docente e discente, é determinante para a fundamentação das bases da construção da segurança para receber o objeto de conhecimento e, assim, produzir compreensões sobre ele.

Os processos pelos quais passam um e outro, o aluno - na aquisição ativa do conhecimento, na criação, produção ou construção do conhecimento - e o professor - na sua ação mediadora - não são só lógicos ou racionais. As razões afetivas e culturais, as crenças, as ideologias e os valores permeiam esta relação e, frequentemente, não são levados em conta no processo de aprendizagem (Ramos-Cerqueira, 1997, p. 02).

Considerando que educador e educando são seres humanos e que ambos se desenvolvem a partir de relações afetivo-emocionais, sejam elas conscientes ou inconscientes, vemos que as interações produzidas em sala de aula, no processo de ensinagem, serão repletas de afetos, sentimentos, manifestações de seus interiores exteriorizadas em sua maneira de falar, de explicar, de agir.

Vygotsky, em mesmo sentido, “aposta nas relações complexas entre o cognitivo e o emotivo, conectadas à questão de aprendizagem, que está diretamente imbricada com as normas e os valores culturais” (Machado, Facci & Barroco, 2011, p.06). Assim, todas as manifestações fisiológicas das emoções são determinadas socialmente. Sendo possível a manifestação de distintos sentimentos de acordo com cada meio de intervenção social em que o sujeito se encontra exposto, como na família, sociedade e escola.

De modo semelhante, Wallon, segundo Galvão (1995, p.31), aponta que “apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra”. Neste sentido, ambas não se dissociam, pois refletem uma na outra.

Conforme sustenta Freire (1996, p.77), “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico [...]”. A afetividade é um dos elementos indispensáveis para as relações interpessoais em sala de aula, que influenciam na construção do sujeito e consequentemente do conhecimento e aprendizagem. Estando relacionada também a problemáticas no ambiente escolar, como:

Os problemas de aprendizagem, podem estar relacionados a aspectos cognitivos, sócio afetivos e orgânicos do aprender. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, que os impossibilita de obter recursos internos para lidar com as situações adversas. Isso gera desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar (Scoz, 1994, p.71).

Nesse sentido, através da autora Beatriz Scoz (1994), podemos sustentar que muitas problemáticas no ambiente escolar podem estar relacionadas à afetividade. Sendo assim, o professor deve desenvolver um olhar único para cada estudante, tendo

consciência de que cada um apresenta-se com necessidades diferentes, com um ritmo de aprendizagem diverso, pois terá estudantes que exigirão atenção maior quanto ao seu desenvolvimento cognitivo.

A dificuldade de aprendizagem da criança no ensino regular está vinculada a falta de afetividade e atenção recebida durante o período de sua escolarização. Dessa forma, a dificuldade de aprendizagem não vem sozinha, a indisciplina também se torna presente no seu comportamento. Percebemos algumas atitudes com o intuito de avisar o professor da continuidade de série, informações sobre a conduta desse aluno ou de alguns alunos rotulando parte de sua existência nas séries anteriores. Mas se o professor não estiver ciente do seu papel como educador, essas atitudes podem influenciar no seu comportamento e na sua postura pedagógica diante do aluno (Pereira & Gonçalves, 2010, p.05).

O estudante por vezes não conseguirá reconhecer sozinho os fatores que o levam à desmotivação ou ao desinteresse escolar, mesmo que estes sejam problemas emocionais que talvez tenham raízes familiares, que refletem na escola. Então, dentro do contexto escolar, o professor precisa estar atento a estes detalhes, a atitudes manifestadas por seu estudante que outrora não apresentava, como a mudança repentina de comportamento, o baixo rendimento escolar etc. Há educadores que, por falta de conhecimento ou até sensibilidade, rotulam estudantes como um “estudante rebelde” ou “desinteressado”, não sabendo que, por trás desta “rebelia” ou “desinteresse” que ele apresenta, pode haver um problema afetivo emocional, resultado de uma falha afetiva que tem em si, a qual infelizmente não foi contemplada ou simplesmente está sendo negligenciada.

O aluno em sua condição de aprendiz espera que o ambiente escolar seja diferente do meio em que ele vive, e que o educador seja diferente das pessoas do círculo de amizades que ele conhece e respeite suas diferenças sociais e familiares (Pereira & Gonçalves, 2010, p.04).

Logo, o professor em sala de aula, como norteador do conhecimento, deve reconhecer o estudante como um ser afetivo e emocional, que carrega consigo uma cultura, acontecimentos, experiências, emoções, sentimentos. Assim, reconhecendo-o não como um ser abstrato, como somente um receptor de conteúdos que desenvolve conhecimentos apenas através de métodos e técnicas de ensino, mas como um ser formado por um conjunto de práxis humana que, através da didática adotada por seu professor, pode sentir-se estimulado a fazer o encontro com o objeto de conhecimento.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (Freire, 1996, p. 44).

Outrossim, não basta ensinar para que os estudantes aprendam, muito menos quando este ensino é feito de forma a despejar conhecimentos sobre os estudantes para que estes os devolvam nas provas (Piletti & Piletti, 1997, p.231), mas de modo a propiciar relações de trabalho mútuo, em busca do desenvolvimento de conhecimentos e saberes.

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é o aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção (Freire, 1996, p.36).

Nesta visão, Freire comenta que o professor, como mediador do objeto de conhecimento, deve não apenas desenvolver conhecimentos com os estudantes, mas propiciar, levar o estudante a criar as possibilidades para a sua própria construção, desenvolvendo assim uma prática que seja significativa para o estudante, levando-o a compreender o objeto.

O papel do professor será, então, de desafiar, estimular, ajudar os alunos na construção de uma relação com o objeto de aprendizagem que, em algum nível, atenda a uma necessidade dos mesmos, auxiliando-os a tomar consciência das



necessidades socialmente existentes [...]. Isso somente será possível num clima favorável à interação, tendo como temperos a abertura, o questionamento e a divergência, adequados aos processos de pensamento crítico e construtivo: um clima do compartilhar (Anastasiou, 2015, p.19).

Para a autora, o professor tem um papel muito importante neste processo, pois ele deve levar o estudante, através dos estímulos e desafios, a desenvolver uma relação com o objeto de aprendizagem para que o processo seja significativo e de êxito para ambos. “O processo de ensinagem se efetivará nesse trabalho conjunto, na parceria dos professores entre si e com os alunos, numa nova aventura do ensinar e aprender, do saborear na sala de aula” (Anastasiou, 2015, p.23).

Isso mostra a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor, pois as mesmas estarão mediando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos do conhecimento envolvidos. Pode-se assumir, portanto, que o sucesso da aprendizagem dependerá, em grande parte, da qualidade dessa mediação (Leite & Tagliaferro, 2005, p.02).

Vygotsky (2000), sobre o processo de aprendizagem, comenta que o estudante tem duas possibilidades determinantes de se desenvolver intelectualmente: através de conceitos estabelecidos como espontâneos e científicos, que são as fases pré-escolar e escolar, pois o estudante ao entrar na escola aprimora os seus conhecimentos primários, desenvolvendo o que já foi aprendido espontaneamente através da socialização entre os demais sujeitos em sala de aula. A outra possibilidade é a mediação do professor no trabalho do objeto de conhecimento, reconhecendo que a “relação sujeito-objeto é marcada pelo entrelaçamento dos aspectos cognitivos e afetivos” (Leite & Tagliaferro, 2005, p.02).

O mais importante, é que o professor se dispõe a ensinar e os alunos se dispõem a aprender, uma corrente de elo de afetividade vai se formando, propiciando uma troca entre os dois. Motivação, cooperação, boa vontade, cumprimento das obrigações deixam de ser tarefas árduas para os alunos. Interesse, criatividade, disposição para exaustivamente sanar dúvidas, estimulam o professor (Rodrigues, 2019, p.12).

O autor comenta sobre a importância de o professor tornar-se aliado de seu estudante neste caminho de aprendizagem, para que juntos possam trabalhar o objeto de conhecimento e transformá-lo em uma aprendizagem significativa. Compreendendo que “a relação que se estabelece entre o aluno e o objeto do conhecimento (no caso, os conteúdos escolares) não é somente cognitiva, mas também afetiva” (Leite & Tagliaferro, 2005, p.02).

### **3.3 A afetividade como pressuposto pedagógico**

Vários pesquisadores como (Silva & Leal, 2019), Silva, *et al.* 2021 discutem sobre a importância da afetividade como prática pedagógica nos processos de ensino e de aprendizagem, onde na mesma linha de pensamento Sabino (2012) comenta que o processo educacional é um processo de estabilidade, pois a educação não se vê desvinculada da afetividade, sendo que está em constante trabalho de formação humana de sujeitos. Logo, as relações que a fazem são permeadas de afetos, por entender que, onde há relações humanas, presentes estarão afetos, porque pessoas afetam e são afetadas a todo o momento.

Em síntese “quando falamos em afetividade no âmbito escolar [...], compreendemos a afetividade como sentimento construído através da vivência, da experiência, do reconhecimento e principalmente do respeito ao outro (Pereira & Gonçalves, 2010, p.03), pois estas são determinantes no processo de desenvolvimento integral do indivíduo, são conexões humanas.

O ambiente escolar é um espaço onde os objetos principais da educação são os estudantes, os quais devem ter seus direitos como educandos atendidos de acordo com as necessidades respectivas a cada faixa etária do seu desenvolvimento, necessitando haver o acompanhamento adequado para que sejam positivamente influenciados quanto a seu desenvolvimento (Medeiros, 2017). Além de trabalhar e desenvolver as potencialidades do estudante como um todo, fornecendo ao sujeito as bases e ferramentas para a construção do conhecimento, da autorrealização e do exercício da cidadania.

Logo, o contexto escolar e suas práticas pedagógicas são regidos pelo conjunto de interações humanas, relações interpessoais entre os diversos sujeitos que constituem o espaço da escola, como o corpo docente, discente, a equipe diretiva e administrativa e demais funcionários.

O diretor não pode ser visto como um monarca absoluto, que implica cegamente a lei. Antes de mais nada ele também é educador e como tal, cabe-lhe liderar a caminhada de todos rumo a realização dos objetivos escolares.

Os funcionários administrativos não são meros executores de tarefas burocráticas- preencher fichas, datilografar, controlar os alunos, etc. - mas, por trabalharem numa escola, são também educadores, principalmente através do exemplo e do respeito que manifestam no trato com os alunos (Piletti & Piletti, 1997, p. 229).

Todo e qualquer ato do corpo docente em relação aos educandos no contexto da escola é uma prática pedagógica, pois tem influência sob o sujeito discente. Por isso, surge a importância de pensarmos que todos os agentes dentro da escola são educadores, e suas práticas/atividades manifestadas a qualquer estudante são uma expressão afetiva, sendo ela positiva ou não.

Visto isso, a escola é um dos ambientes que mais concentra pessoas diferentes, em todos os aspectos, sociais, culturais, econômicos etc. Alunos com histórias e que se desenvolvem em contextos diferentes uns dos outros, e até mesmo desfavoráveis, como aqueles que se criam em ambientes socialmente violentos.

O que os preocupa [...] principalmente a dificuldade de entenderem os alunos e deles se aproximarem. Reações defensivas se estabelecem de parte em parte; uma capa de indiferença é assumida por alguns adultos enquanto outros tentam se proteger por meio do autoritarismo, dos castigos, das reprimendas e suspensões. Por sua vez, as crianças e os jovens, vivendo num estado de penúria afetiva e dificuldades materiais, desinteressam-se dos estudos e engendram formas de confrontar os professores, que vão da agressão verbal ou física à ameaça de morte (Sabino, 2012, p.11).

Neste contexto, o professor, por estar à frente da turma, pode intervir em situações de cunho mais sensível através da relação estabelecida entre ele e seus estudantes, pois “a relação professor-estudante, nada mais é que uma relação interpessoal” (Sabino, 2012, p.12), ou seja, através de uma relação humana baseada no afeto entre professor-estudante, pode-se assim influenciar todo o rumo da classe. Assim, a forma como o educador irá gerenciar sua relação com o estudante influenciará nas suscitações, reações/modificações e/ou transformações nas interações sociais da classe e, principalmente, no desempenho acadêmico dos estudantes, dependendo dos afetos que estas influências por parte do professor gerarem no estudante. Sendo importante grifar que, “para que se possa alcançar uma relação positiva na construção dos valores de uma criança, o professor é a peça principal nesse processo de desenvolvimento, participando do início ao final” (Rodrigues, 2019, p.12).

O estudante no processo de produção de sua identidade, no diálogo com o outro, constrói os seus referenciais de caráter ou conduta a partir de relacionamentos, vivências e ambientes em que está inscrito, começando a sentir-se valorizado e amado a partir das formas como ele é tratado seja no seu ambiente familiar ou escolar com professores e colegas de classe. Os afetos produzidos nesta relação poderão implicar no estudante o sentimento de não ser merecedor de afeto e, assim, gerar a sensação de não ter sido amado e acolhido, que com certeza será levado para toda a construção do sujeito até sua fase adulta.

Porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna (Freire, 1996, p.74).

A partir do acima exposto, o autor leva-nos à reflexão crítica acerca da tarefa de formar pessoas, o que se constitui como um ofício diferente das outras profissões que trabalham com objetos manipuláveis. “Referindo-se especificamente à sala de aula, pode-se supor que, nesse espaço, os alunos vivenciam experiências de natureza afetiva que determinarão a futura relação que se estabelece entre eles e os diversos objetos de conhecimento” (Leite & Tagliaferro, 2005, p.12). O papel do professor, neste contexto, é o de contribuir na autoformação dos estudantes, oferecendo as ferramentas para a concretização de suas aspirações.

Nesse sentido, a qualidade da mediação do professor pode gerar diferentes tipos de sentimentos na relação sujeito-objeto. Ou seja, o trabalho concreto do professor em sala de aula (suas formas de interação com os alunos, suas estratégias para abordar os conteúdos, os tipos de atividades que propõe, os procedimentos de correção e, avaliação, por exemplo) certamente tem uma influência decisiva na construção dessa relação (Leite & Tagliaferro, 2005, p.12).

A partir disso, podemos pensar como esta relação professor-estudante deve ser composta: por um laço afetivo, que é um dos elementos essenciais na formação da personalidade, e que, mesmo assim, ocupa um lugar secundário nas instâncias da prática pedagógica e da formação docente (Sabino, 2012).

A afetividade pode ser usada, através das relações estabelecidas a partir do educador, como um facilitador da aprendizagem, pois na mediação dos processos pedagógicos utiliza sua relação afetiva com o estudante para que juntos cheguem ao objetivo. O educador que desenvolve uma relação afetiva positiva com seus estudantes tende a favorecer o estabelecimento de uma “relação de segurança evitando possíveis bloqueios afetivos e cognitivos, auxiliando no trabalho de socialização, ajudando o aluno a superar erros e a aprender com eles” (Rodrigues, 2019, p.11).

Isso mostra a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor, pois as mesmas estarão mediando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos do conhecimento envolvidos. Pode-se assumir, portanto, que o sucesso da aprendizagem dependerá, em grande parte, da qualidade dessa mediação (Leite & Tagliaferro, 2005, p.02).

Para o estreitamento desses laços de afeto entre professor e estudante, para que se alcance a mediação eficaz, é preciso que aquele compreenda que os estudantes não são inimigos ou adversários que cumpre derrotar, submeter a todo custo. Professores e estudantes tornam-se aliados, necessitando trabalhar juntos, cooperativamente, na concretização de um objetivo comum: conhecer e transformar o mundo.

O professor autoritário, o professor silencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (Freire, 1996, p.34).

O educador não pode ser visto como um carrasco, ou alguém distante de seus estudantes, muito menos que deixe interferir na sua prática o seu pessoal, de modo que sobre o estudante ele descarregue suas angústias e interfira na sua docência, a exemplo: “o autoritarismo, inimizade e desinteresse podem levar o estudante a perder a motivação e o interesse por aprender, já que estes sentimentos são consequentes da antipatia por parte dos estudantes, que por fim associarão o professor à disciplina, e reagirão negativamente a ambos” (Rodrigues, 2019, p.10).

Assinala-se que a negligência da dimensão afetiva tem repercussão direta na prática do ensino e indica a necessidade de os formadores desenvolverem outros saberes e competências além das intelectuais nos futuros professores. Disso decorre a necessidade de rever a concepção de formação inicial e continuada, os conteúdos e os processos de formação, para melhor adaptá-los às novas exigências escolares e profissionais (Ribeiro, 2010, p.05).

As práticas pedagógicas desenvolvidas são expressões de afetos, logo, é preciso que o professor, como um dos agentes do processo, faça auto-análise acerca de seus exercícios em sala de aula, estando em constante formação e transformação acerca de sua formação como educador e responsável pela qualidade do aprendizado de sua turma. Nesta linha de raciocínio, encontramos Paulo Freire que comenta: “por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”, ou seja, “sobre seu próprio fazer com os educandos” (Freire, 1996, p.33).

O professor deve procurar escutar mais o conceito que os alunos já têm ou formularam através do contato do que seja um perfil de bom professor, ou até mesmo do professor que desejam e, através desse diagnóstico, refletir sobre suas próprias ações e o que pensam os alunos. Repensar sobre a prática pedagógica e as atitudes, em sala de aula, é imprescindível para que, se necessário, sejam elaboradas outras formas de ações compatíveis com as ideias dos alunos,

que assumem papel importante como termômetro de suas atitudes em sala de aula. Contudo, as opiniões dos alunos – assim como as do professor – não traduzem a verdade absoluta (Medeiros, 2017, p.6).

A autora Maria Medeiros, no exposto acima, traz essa reflexão próxima a Paulo Freire (1996), que frisa um ponto primordial e decisivo para a prática docente, o momento de o educador fazer uma autoanálise de sua prática, que pode ser feita através de uma auto reflexão e/ou uma pesquisa através de seus estudantes, por meio de conversas, sugestões de melhorias. Todavia, é importante que os mesmos se sintam abertos para isso, de forma que possa ser feito abertamente ou que os estudantes opinem anonimamente, que ainda sim seus comentários serão autênticos.

A relação professor-aluno deve ser construída primeiramente com base no diálogo. É através deste que podem ser detectadas opiniões e problemas comuns a praticamente todo ser humano e estabelecido o companheirismo entre ambos, traduzindo-se, assim, numa melhor prática educativa e numa sólida aprendizagem (Medeiros, 2017, p.6).

A relação entre ambos não será perfeita, tendo em vista que as relações entre pessoas permanecem e melhoram quando as diferenças e defeitos são expostos e, a partir deles, a relação é refinada de modo que se enalteça as qualidades e aprenda-se a conviver com as diferenças um do outro. Assim acontece em sala de aula, todos com diferenças de personalidades, sentimentos, comportamentos, mas que pela relação estabelecida fazem os reparos necessários para que ela seja a mais harmoniosa possível.

As relações interpessoais entre professor e estudante influenciam no processo de ensino e de aprendizagem. Da mesma maneira que não passa despercebida pelos estudantes a prática do professor e a forma como ela é exercida, a forma como os estudantes a perceberem ajuda ou desajuda na tarefa de educador, de maneira positiva ou negativa (Freire, 1996).

A docência é concebida como ação complexa que exige dos professores, além do domínio do conteúdo específico, capacidade em motivar e incentivar os estudantes, atenção a suas dificuldades e ao seu progresso, estímulo a trabalhos em grupos visando a cooperação e a busca solidária na resolução de problemas, escuta ativa e respeito às diferenças, reconhecendo a riqueza da diversidade cultural dos estudantes sob todas as suas formas, dentre outros aspectos. A afetividade joga um papel importante na motivação dos estudantes diante das disciplinas do currículo, dos professores que as ministram e, conseqüentemente, da aprendizagem escolar (Ribeiro, 2010, p.08).

Diante disso, a relação afetiva positiva pode se caracterizar como manifestações por parte do educador, com base em respeito, empatia, confiança, no ato de fazer uso de palavras positivas, como elogios, o que pode produzir um efeito de motivação que, segundo Ribeiro (2010, p.02), “não é uma questão de técnica, mas depende da relação que se estabelece com esse sujeito”, passa confiança ao estudante a ponto de que ele se sinta a peça principal para o aprendizado.

Visto que a forma como o professor faz suas críticas poderá afetar negativamente o estudante, caracterizando um “julgamento atribucional, acerca das causas dos resultados de seus alunos é-lhes comunicado basicamente pela expressão da emoção correspondente e pelo feedback verbal” (Piletti & Piletti 1997, p.232). Logo, nas duas modalidades, pelo julgamento expressado por emoções e verbalmente, o estudante é quem fará sua própria interpretação do que o seu professor expressou, que poderá prever então efeitos prováveis de motivação para melhorar ou gerar conflitos sob sua capacidade.

#### **4. Considerações Finais**

Em síntese, compreendemos que a afetividade tem influência dentro da sala de aula através das relações interpessoais entre professor e estudante, uma vez que a afetividade está presente na vida da criança desde bebê, quando os afetos nas relações interpessoais se dão por meio do cuidado do responsável para com o bebê no ambiente em que está inscrito, expressando seu afeto através de manifestações orgânicas e fisiológicas, que são interiores e exteriorizam-se através de sorrisos, choros, etc. Levando o adulto que é responsável pela criança a fazer as interpretações e por fim atender suas necessidades.

Com isso, sustentamos que a criança ao longo do tempo até sua fase adulta se desenvolve através dos afetos percebidos nos ambientes em que se encontra inserida. Deste modo, percebemos que a afetividade está imersa e comanda as relações interpessoais e que, se trabalhada dentro de sala de aula, na relação dos professores e estudantes, pode influenciar o processo de ensino e aprendizagem.

O professor ao usar a afetividade como mediadora de sua relação, através das práticas de respeito, diálogo, confiança – entre outros aspectos que uma relação social exige – implica, conseqüentemente, no estudante um sentimento recíproco para com seu professor. Isso faz com que o ambiente de aprendizagem, que é a sala de aula, seja harmonioso para o efetivo aprendizado, pois a afetividade e o desenvolvimento cognitivo são inseparáveis. De modo que o estudante, em um ambiente onde os afetos acolhem-no ou estimulam-no, desenvolve melhor suas potencialidades.

O afeto, presente na relação, conseqüentemente leva o professor e estudante a sentirem-se motivados no ensino e aprendizado, pois o docente sente-se mais motivado no exercício de sua prática docente, quando sua sala de aula se torna harmônica. Além do vínculo, a aproximação entre o professor e o estudante possibilita o aparecimento das vulnerabilidades cognitivas que fazem parte dos processos de ensinar e aprender, ou seja, suas dificuldades.

Todavia, os afetos na relação entre os sujeitos professor e estudante podem implicar numa influência positiva ou negativa quando expressados de forma negligente, como quando o professor usa palavras desestimuladoras e desconstrutivas, ou mesmo desrespeitosas, sobre seus estudantes. Ele contribui negativamente para o desinteresse de ambos, no estudante sobre objeto de conhecimento e no professor, o desestímulo, por que em ambas partes falta o respeito mútuo que a relação afetiva gera como subproduto, assim, não pode haver um alinhamento de expectativas finais.

Já os afetos positivos, que se caracterizam por palavras de afirmações, estimulantes e construtivas com os estudantes, através de respeito, carinho, empatia, influenciam os dois lados dos sujeitos, pois o estudante sentindo-se valorizado e respeitado, como agente ativo na aprendizagem, consegue desenvolver-se melhor intelectualmente, pois fica mais motivado e sabe que seu professor está ali para auxiliá-lo a romper com as barreiras e obstáculos que encontrará durante o caminho escolar. É necessário, portanto, produzir relações pautadas em afetos positivos dentro de sala de aula, sabendo que os impactos serão benéficos aos processos de ensino e aprendizagem.

Na construção dessa pesquisa, guiamo-nos pela busca da resposta a um problema motivador, sendo ele: como a afetividade pode influenciar a relação estudante-professor nos processos de ensino e aprendizagem? Entendemos que conseguimos responder ao problema por encontrarmos respaldo teórico acerca dos impactos que os afetos têm no desenvolvimento humano. No contexto escolar, mais precisamente na relação professor e estudante, uma relação afetivamente positiva gera um bom desenvolvimento nos processos de ensino e aprendizagem, o que nos coloca seguros quanto à importância de compreendermos melhor esta temática.

Nesse sentido, dedicamo-nos a efetivar a pesquisa cumprindo o seu objetivo geral que estabelecemos como: compreender a importância da afetividade e sua influência no processo de ensino e aprendizagem, que respondemos através do alcance dos objetivos específicos propostos: analisar as concepções e entendimentos sobre a afetividade, verificar a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizado; e, por último, compreender a importância da afetividade na relação professor-estudante, respondendo então cada um, respectivamente nos três capítulos da pesquisa. No segundo capítulo, através de respaldos teóricos, foram analisadas as concepções da afetividade, entendendo que a afetividade está presente na vida do ser humano. No terceiro capítulo, ao buscarmos dialogar sobre a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizado, vemos a criança como um ser integral, como um ser não abstrato, que tem sentimentos e emoções que influenciam no seu processo de aprendizado. A afetividade e o desenvolvimento cognitivo são inseparáveis de modo que o estudante, em um ambiente onde os afetos acolhem-no ou estimulam-no, desenvolve melhor suas potencialidades. Por fim, objetivamos compreender a importância da afetividade na relação entre professor e estudante, a qual entendemos estar contemplada nos diálogos desenvolvidos em nosso

terceiro capítulo, no qual dialogamos sobre as relações de afetividade que estão presentes no contato entre educadores e educandos.

Para finalização de nossas considerações, entendemos ser importante que a temática aqui abordada continue sendo pesquisada, tendo em vista que o mundo vive em constante transformação e são inúmeras as possibilidades de desenvolvimento de pesquisas que abordem as temáticas da afetividade, bem como que investiguem as múltiplas aprendizagens promovidas no contato entre professores e estudantes. Em especial, podemos destacar àquelas pesquisas que se organizem a fim de explicitar as vivências relatadas por professores e estudantes nos contextos de escolarização. Assim, os processos se modificam, com novas necessidades sendo colocadas a fim de satisfazer às crianças e os jovens no contexto em que a educação precisa cada vez mais desenvolver um olhar humanista, e não mecanicista, para que os atenda em sua totalidade, pois bem vimos que de nada adianta uma boa metodologia se entre o estudante e o professor não existir uma relação pautada em afeto, para que as vulnerabilidades do aprendizado sejam expostas para serem atendidas.

## Referências

- Adad, S. J. H. C., Santos, V. N. Dos & Silva, K. De S. (2021). Juventudes, violência e convivência na escola: Uma pesquisa sociopoética. *Research, Society and Development*, 10 (8), 1-9.
- Anastasiou, L. G. C. (2015). Ensinar, aprender, apreender e processos de Ensino. In: Anastasiou, L. da G. C., Possate, L. (org.). *Processos de Ensino na Universidade*. Univille, 1 – 26.
- Assis, L. L. de & Podewils, T. L. (2021). Mulheres no capitalismo: Notas para uma educação feminista. *Research, Society and Development*. 10 (7), 1-15.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Paz e Terra.
- Galvão, I. (1995). *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Vozes.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Atlas.
- Kubo, O. M. & Botomé, S. P. (2001). Ensino-Aprendizagem: uma interação entre processos comportamentais. *Interação em psicologia*, (5), 1– 19.
- Leite, S. A. S. & Tagliaferro, A. R. (2005). Afetividade na sala de aula: Um professor inesquecível. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9 (2), 247 – 260.
- Lessa, S. (2014). *O revolucionário e o estudo: por que não estudamos?* Instituto Lukács.
- Machado, L. V., Facci, M. G. D. & Barroco, S. M. S. (2011). Teoria das emoções em Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, 16 (04), 647-657.
- Marques, R. & Fraguas, T. (2021). A formação do senso crítico no processo de ensino e aprendizagem como forma de superação do senso comum. *Research, Society and Development*. 10 (7), 1-14.
- Medeiros, M. F. (2017). O papel da afetividade na relação professor e aluno e suas implicações na aprendizagem. *RPGE*, 21 (2), 1165 – 1178.
- Minayo, M. C. S. (1994). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Vozes.
- Paula, M. C., Guimarães, G. T. D., Nascimento, M. M. S. & Vialli, L. (2020). Contribuições de Henry Wallon: o papel da emoção na aprendizagem. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 19 (56), 181 – 192.
- Pereira, M. J. A & Gonçalves, R. (2010). Afetividade: Caminho para a aprendizagem. *Revista Alcance, Revista eletrônica de EAD da UNIRIO*, (1), 1 – 8.
- Piletti, N. & Piletti, C. (1997). *História da Educação*. Ática.
- Ramos-Cerqueira, A. T. (1997). A prática pedagógica como processo de comunicação: a relação professor-aluno como eixo: o ponto de vista psicológico. *Interface- Comunicação, Saúde e Educação*, 1(1), p. 187-192.
- Ribeiro, M. L. (2010). Afetividade na relação educacional. *Estudos de Psicologia*. Ática.
- Rodrigues, M. C. N. (2019). A importância da Afetividade na aprendizagem escolar na relação aluno-professor. *INFINITUM, Revista Multidisciplinar*, 2 (2), p. 109-123.
- Sabino, S. (2012). *O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa*. Paulinas.
- Scorz, B. (1994). *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem*. Vozes.
- Silva, J. C. S., Bianco, G., Silveira, D. P., Gomes, R. da V., Veiga, D. J. S. & Scheffer, D. C. D. (2021). A dimensão afetiva no processo de alfabetização de jovens e adultos. *Research, Society and Development*, 10 (3), 01- 08.
- Silva, M. A. A. & Leal, A. L. (2019). A emoção e seus reflexos na aprendizagem da Matemática. *Research, Society and Development*, 08 (3), 01-15.

Vygotsky, L. S. (2000). *A Construção do pensamento e da linguagem*: L. S. Vygotsky. Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*: Vygotsky, L. S. Martins Fontes.

Wallon, H. (1968). *A evolução Psicológica da Criança*. Martins Fontes.